

Intervenção-corpo-jardim

Ronaldo Campelo¹

Marta Lizane Bottini dos Santos²

Resumo

Este texto é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Um jardim, alguns textos, um ou mais corpos: Práticas docentes nas artes...” apresentada no Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGArtes da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, no ano dois mil e dezenove. Esta seção apresenta novas considerações que tentam dizer sobre um método de pesquisa, que foi a proposta de como analisar a pesquisa escolhida para trabalhar.

Palavras-Chave: Cartografia; formação; poéticas menores do devir; singularidades; escola.

1. Introdução

Este texto é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Um jardim, alguns textos, um ou mais corpos: Práticas docentes nas artes...” apresentada no programa de pós-graduação em Artes - PPGArtes Mestrado, Área de concentração em Ensino da Arte e educação Estética, da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, no ano de dois mil e dezenove.

Neste recorte há novas considerações que tratam de dizer acerca de um método de pesquisa, a qual foi a proposta de como analisar a pesquisa escolhida para se trabalhar.

O método é a cartográfica, pois possibilita mover-me em meio às questões da investigação de um modo em que tudo o que seja matéria possível, sensível e que afete o pesquisador seja trazido à discussão e fomenta problematizações.

Este texto, à sua pesquisa, trata de tramar linhas cartográficas de pensamento e, portanto, irei caminhar entre as veredas do tempo que cria linhas, leiras, sulcos, veios no chão na terra e que busca arrancar raízes, limpar, arar, podar e ver crescer a seu tempo os frutos e as flores que não se envenenam, que tem no toque das abelhas, dos pássaros e insetos e que ao sabor do vento, da chuva progridem, proliferam seus tons e odores e sabores e faz esta pesquisa ter o seu próprio tempo, sua própria velocidade, tal como a de um jardim.

¹ ronaldo-icampello@educar.rs.gov.br

² martalizane-bdossantos@educar.rs.gov.br

É no vazio de uma leira e outra que a pesquisa se faz, no folhear o livro, dobrar a página, olhar o objeto, tocar, sentir, pôr os pies desnudos no chão da sala de aula, no te[a]r – construir o texto no quadro negro e dar à palavra o sabor doce ou amargo do sim ou do não – o pó de giz nas mãos.

Construir um jardim demanda tempo, esforço, dedicação, quem já fez sabe.

Uma pesquisa de igual modo também, quem já fez sabe.

Deste modo, a partir do início da pesquisa e quando se busca elementos possíveis para trabalhar pode-se criar, evidenciar termos, trazer elementos de outras áreas para contribuir com a pesquisa, buscar outros cheiros, outros gostos, tirar os sapatos e andar descalço em brasas. Provocar o corpo, escapar por entre os dedos como a terra que se esvai em um punho cerrado.

Tal método não visa aos fins e sim aos meios. Interessa mais falar sobre o que ocorre no meio do que achar alguma resposta, “cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008, p. 469). Não é a conclusão que importa, mas sim a construção e tudo o que implicou essa construção. Assim sendo, apropriar-se de tal método, de tal “prática investigativa que ao invés de buscar um resultado ou conclusão, procura acompanhar o processo” (COSTA, 2014, p. 70), e busca andar em meio ao terreno e observar com cuidado, estar à espreita para cada possível detalhe que dê suporte, e que crie linhas para procurar investigar, neste sentido, “a pesquisa cartográfica exige dedicação, estudo e preparação como em qualquer outro método. Não se abandona o que se sabe, mas se amplia, modificam-se os sentidos” (CAMPELLO, 2016, p. 27), buscam-se vias novas e caminhos distintos para fazer pesquisa.

Quiçá são estas vias novas, esta ampliação de possibilidades de analisar a pesquisa que torna este método adequado para se trabalhar com pesquisa no campo das artes.

A cartografia permite ser, fazer, tomar parte do processo. Acompanhar e ir além, colocar-se em meio de..., dentro de...

Ao reescrever este texto, fazer este recorte do referido capítulo e pensar sobre as questões da pesquisa que foram objetos de estudos e que são caras a mim, estou fazendo cartografia, pois sigo por entre linhas que me proporcionam pensar sobre meu(s) objeto(s) de trabalho, um deles, o corpo em sala de aula, outro, o devir-criança.

Um corpo familiar aprisionado a botas de ferro. Um esteio para não desviar da forma dita 'adequada' de um corpo. Um par de pés cerrados. Um corpo delicado, inquieto, repleto de rasgos, e vergões de cacos de vidro e pregos velhos. Um corpo frágil que subia em todas as árvores que pudesse subir e balançar e sentir o vento.

Eram - essas árvores - bons castelos, boas naves espaciais as quais se navegava as estrelas. O bom e velho 'salgueiro-chorão' do fundo do pátio que irrompia os limites impostos do criar. Do sonhar e sentir. Devir-criança.

Aqui faço cartografia, pois ao perquirir o silêncio de minhas memórias sou outra.

O olhar de turista que preenchia e ainda preenche os olhos cor de mel que brilhavam ao sol, e os cabelos cor de ouro que bailavam aos ventos e uma vontade de explorar o mundo que surgia a cada passo. Um corpo-menina que via flores de açúcar sendo criadas com carinho em tortas e bolos que adoçavam ainda mais o amor de mãe. Um corpo-menina que caía e corria e dormia com as pesadas botas de ferro. Sapatos que defendiam e protegiam dos que caçoavam. A cartografia "não abre mão do rigor [...] o rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida" (KASTRUP, 2014, p.11) que se busca aqui trazer em forma de narrativas.

Ao tratar da cartografia, método proposto por Deleuze e Guattari (1995), pensa-se "uma geografia dos afetos, das sensibilidades, dos movimentos e das subjetividades que podem, assim, pensar sobre procedimentos de transformação que afetem/possibilitem implicações no individual e também no coletivo. Pesquisador e problema de pesquisa, problema de pesquisa e pesquisador." (CAMPELLO 2016, p. 23).

Segundo Rolnik (1989),

a prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo do social. E pouco importa que setores da vida social toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência [...] (ROLNIK, 1989, p. 65).

Aquele que faz investigações cartográficas a qualquer momento pode se deparar com pistas que podem problematizar sua questão de pesquisa: um filme, um livro, uma pintura, um

acontecimento - a partir da proposta deleuziana de pesquisa, em que o acontecimento é aquilo que nos toca, um cheiro, um olhar desprezioso, um caminhar por caminhos já percorridos, “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 1989, p. 65), desde que as possibilidades de fuga se apresentam e possibilitem seguir buscando apreender mais sobre o objeto de estudo, ainda que este objeto sejamos nós mesmos, “[...] a cartografia [em parte] não depende de um plano a executar, de um conjunto de competências a adquirir ou de uma lista de habilidades a aplicar em determinado campo pelo pesquisador” (FARINA, 2008, p. 09).

2. O que nos interessa na cartografia

Há cartografia somente na entrega. E como ocorre essa entrega é que nos interessa. Essa entrega é estar sensível ao que nos toca, em alguns casos sem nem mesmos percebermos que fomos tocados. “Ser cartógrafo não é algo que se define a partir de percursos já gerados, de caminhos já seguidos, nem mesmo do uso de utensílios ‘próprios’ para a pesquisa, pois, toda pesquisa se torna nova quando se aprende a observar” (CAMPELLO, 2016, p. 26), cada pesquisa é nova mesmo que o tema seja antigo, mesmo que estejamos revisitando esta pesquisa mais uma vez.

É o que se imprime a ela e como se imprime: gestos, modos e olhares que a tornam

única, que a fazem diferente de outras tantas que abordam os mesmos temas. Pense no seguinte: ao visitarmos uma cidade pela primeira vez, tudo é novo e há entusiasmo. Ao estarmos lá pela segunda, terceira vez..., cabe ao querermos estar lá.

O fazer de uma escrita cartográfica pode ocorrer pelo meio, não existe um início, ou um fim. Uma escrita nunca acaba, a todo instante pode ser acrescida palavras novas, pasmem outras podem extraídas.

Não se busca responder perguntas, mas sim tencionar, abrir a caixa de Pandora³ e deixar escapar, fruir inquietações, deixar escapar-se; “desta forma, o que se percebe na cartografia é que o pesquisador-cartógrafo vai construindo seus passos estando no próprio campo, estando no próprio território” (COSTA, 2014, p. 70, grifos do autor), é construir este território ao passo que a pesquisa vai se construindo, vai se fazendo ou se desfazendo. Como diria Luciano Bedin da Costa (2014, p. 71), “é uma prática de pesquisa suja,

pois é também parte da geografia a qual se ocupa – não se pode em uma pesquisa cartográfica, situar o campo de pesquisa como algo que estaria ‘lá’ e o pesquisador ‘aqui’”, ambos estão amalgamados: campo-problema-pesquisador, pesquisa, corpo, jardim...

A cartografia como método de pesquisa põe “em relação um conjunto de saberes: o cartógrafo pode ser um filósofo, sociólogo, um psicólogo, um historiador, um geógrafo, um sintomatologia, um clínico, e, sobretudo um artista” (COSTA, 2014, p. 75). Ao cartógrafo é admissível diversos modos de construir o saber, desde que exista encontro.

Ao perceber a cartografia a partir do olhar de um jardim-texto, onde as palavras são meus pontos de entrada ou saída ou vice-versa, percebo na sua construção rizomas.

Os mesmos que percebo quando sento em meu banquinho de madeira e observo as estrelas atentamente, e percebo o movimento que ocorre entre elas, os pontos que as ligam em linhas fictícias ou não, conectando-se, formando rizomas, - “num rizoma entra-se por qualquer lado, cada ponto se conecta com qualquer outro, não há um centro, nem uma unidade presumida” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 03).

Ao construir meu jardim-texto busco vários pontos de entrada entre as mesmas, permitindo o curso, a passagem, deixando escapar linhas, fissurando aberturas e outros pontos com movimentos distintos. Caminhos, entradas e saídas que foram surgindo a partir do próprio movimento de escrita, que busca, busca, busca... uma estética do pensar, uma estética do criar, uma poética menor do devir, singular

Devir é um processo. Até mesmo quando é uma criança quem devém, ela entra em um devir-criança, pois devir não é reivindicar um estado já codificado e identificado; tampouco é chegar a alcançar um estado predefinido e reivindicado por meio da cópia, do adestramento ou da imitação. Devir-criança é, pelo contrário, entrar em uma zona de vizinhança e indiscernibilidade na qual não seja possível distinguir-se de uma criança. Trata-se de uma singularidade em sua expressão mais elevada, [...] não é um sujeito nem um objeto da educação, mas uma figura da alteridade, isto é, o Outrem que expressa um mundo possível para as formas de viver e pensar a educação. (JÓDAR et all 2002, p. 35)

O cartógrafo traça esses movimentos, observa-os minimamente: Expressão, fruição e tudo o que for gerador de sentidos. Tal como nas poéticas menores do devir. As inquietações. O novo. Até mesmo o que é antigo, mas que vibra e faz vibrar o corpo. Interessa pouco explicar, mais compreender. Mergulhar nos afetos e criar pontes, buscar descobrir tons de uma mesma cor e perceber que há ainda mais a buscar, ou a descobrir. Singularidades.

Assim como se faz esse jardim, palavra a palavra, uma a uma. O intento é de mexer e fazer viagens de transição abrindo e fechando portas para essa ou outras esferas. O que quero é enrodilhar-me por entre realidades distintas e campos fecundos, ou não.

Fazer vibrar as cordas de uma harpa, as linhas de um corpo que se faz vibrátil e não teme o movimento, deixar escapar o encantamento. Abrir sulcos na pele para dar acesso ao que quer sair.

É como um rio que nasce pequeno e vai abrindo caminhos e se fazendo grande, para logo encontrar águas volumosas e potentes, que fruem com força e intensidade. A escola.

O cartógrafo deixa-se fluir vendo o mundo com suas próprias lentes, utilizando seus próprios códigos, sua linguagem e seu alfabeto, seu silêncio e sua solidão, “está ‘entre’ todo mundo, se põe em movimento como um barquinho que crianças largam e perdem e que outros roubam. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 09). É como o bater as asas de um beija-flor canalizando a energia no voo, mas não se esquecendo de extrair o néctar das flores.

O João de barro que constrói sua casa, grão a grão não a si, mas a sua companheira. É como a semente que cai na terra e germina pouco a pouco, produzindo algo a partir do movimento de cair. Agenciamentos.

O tosquiador a ovelha o mais rente à pele para aproveitar a fibra em seu maior comprimento e retirar o velo com cuidado, lavar, esgadelhar, cardar e fiar o fio, torcê-lo, ensarilhar, dobar e com ele tecer, tricotar, cerzir, atar, amarrar, ligar pontos, pontas e peças, agenciar, criar. Do tosquiador a ovelha produzimos o fio de lã, do fio produzimos peças a partir de uma necessidade produtiva - seja ela qual for, mas é preciso vários elementos, a ovelha, o tosquiador, a tesoura de tosquiador, a artesã, a roca, o fiador, o fio e todo o processo que isso envolve. A abelha e a orquídea, o rio e o moinho, o corvo e a presa, criamos territórios a partir do agenciamento de desejos que se constroem, desconstroem e se reconstróem em planos de imanência. (CAMPELLO, 2016. p. 45).

Ao cartógrafo é importante a queda, pois, “só tropeçamos quando nosso pé se encontra com algo” (COSTA, 2014, p. 75), é aquela pedra no caminho, a erva daninha que precisa ser arrancada, não interessam verdades, não interessa o aconchego e beleza das cores do jardim, mas sim o movimento que se fez ao criá-lo, do tanto que se mexeu com a terra, da escolha das flores e temperos e de onde colocar um ou outro.

Interessa é observar quem são seus moradores, quem vem visitá-lo. Interessa observar, estar à espreita. Encontrar. Encher os pulmões com uma lufada de ar puro e deixá-lo escapar sem culpa... “a orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma.

Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (DELEUZE, 2015, p. 30). Experimentações, agenciamentos que se constroem dia-a-dia no cotidiano de sala de aula, por exemplo.

Essa ‘experimentação ancorada no real’ são/foram meus encontros desde minha infância que me fazem pensar esse corpo, desde quando escrevo acerca de meu soldadinho vermelho; sobre meus pés lá em meu pretérito-infância aprisionados, pies cerrados da professora colombiana que chorou quando participamos da dança sagrada e que, com os meus pés nus, dei outro sentido a suas práticas.

Fiz cartografia quando dissertei sobre minhas observações de estágio no curso de licenciatura em artes visuais, sobre minhas práticas de docência e como percebi os corpos aprisionados. A cartografia não se faz a partir do que o outro diz como é, mas a partir do encontro das forças do campo problemático que se está embrenhado, das experiências que o atravessa(ra)m. A cartografia se faz, fazendo.

3. Conclusões

[...] sinta o ar fresco que surge com aroma de gozo de abelhas e de mulher que toca suas facetas, sinta o bálsamo de flor de minhas virilhas invadirem tuas narinas e te levar por entre este jardim movediço que sou...

a autora

A cartografia feita à pesquisa de mestrado em dois mil e dezenove disse de uma professora pesquisadora que se afetou com os encontros que teve nas escolas por onde fez suas observações de estágio. Quando ofereço a outros, a partir de meus encontros, aquela experiência, aquela oportunidade de se ‘pensar os corpos em sala de aula’, o que ao longo do processo de escrita e leitura daquele trabalho repensei sobre meu pretérito.

Fiz cartografia quando construí um jardim-texto. Um mapa. Um jardim-texto-corpo. Um campo problemático no qual não havia uma pergunta para ser respondida, mas inquietações que saíram do silêncio e se tornaram verbo, “uma obra de arte, uma ação política” (DELEUZE, 2015, p. 30), uma ética, uma estética do devir.

Quando revisito este texto e faço este recorte sigo cartografando os afetos, as singularidades. Sigo cartografando esse jardim-texto no qual por vezes, a terra árida é umedecida por minhas leituras, que são como chuva que irrigam e encharcam a terra com minhas escritas. Fiz rizoma, agenciamentos, fiz cartografia quando construí esta pesquisa pela

primeira vez, oferecendo passagens por entre os pergolados que construí, e isso por si só já é um esforço colossal.

Referências

- CAMPELLO, R. L. G. *Cartas para ler e escrever: cartografando uma prática de ensino*. 2016. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Tecnologia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pelotas, 2016.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66–77, maio/ago. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1. Acesso em: 12 fev. 2018.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2. ed. Tradução de Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual. In: *REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 31., 2008, Caxambu. Anais [...]. Caxambu: ANPED, 2008.
- HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- JÓDAR, Francisco; GÓMEZ, Lucía. DEVIR-CRIANÇA: experimentar e explorar outra educação. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 31–45, jul./dez. 2002. Tradução de Tomaz Tadeu. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25914/15183>. Acesso em: 5 maio 2024.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; TEDESCO, Silvia (org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. [S.l.: s.n.], [s.d.].

Intervención-corporal-jardin

Resumen

Este texto es un extracto de la tesis de maestría titulada “Un jardín, algunos textos, uno o más cuerpos: Prácticas docentes en las artes...” presentada en el programa de posgrado en Artes - PPGArtes de la Universidad Federal de Pelotas - UFPEL, en el año dos mil diecinueve. En este apartado se presentan nuevas consideraciones que intentan decir sobre un método de investigación, que fue la propuesta de cómo analizar la investigación elegida para trabajar.

Palabras-clave: Cartografía; capacitación; poéticas menores del devenir; singularidades; escuela.

Garden-body-intervention

Abstract

This text is an excerpt from the master's thesis entitled “A garden, some texts, one or more bodies: Teaching practices in the arts...” presented in the postgraduate program in Arts - PPGArtes at the Federal University of Pelotas - UFPEL, in the year two thousand and nineteen. In this section there are new considerations that try to say about a research method, which was the proposal of how to analyze the research chosen to work on.

Keywords: Cartography; training; minor poetics of becoming; singularities; school.